

Artigo

Pós-marxismo: reflexões sobre o sujeito

Post-marxism: reflections on the subject

Luciane Botelho Martins

Resumo: Este artigo propõe algumas reflexões sobre a complexa relação entre sujeito, ideologia e pós-marxismo. Situado no campo da Análise de Discurso de filiação francesa e com o objetivo de compreender o funcionamento da categoria de sujeito nos processos discursivos, o texto explora como o materialismo histórico-dialético explica a resistência dentro dos modos de produção e como as ideologias, na perspectiva de Marx e Engels, distorcem as relações de exploração resultando na luta de classes. A partir disso, o debate reafirma que os sentidos não são dados *a priori*, e que a incompatibilidade entre o sujeito da ideologia e o sujeito da psicanálise ainda constitui um obstáculo na caracterização do sujeito discursivo que ousa resistir na/pela linguagem.

Palavras-chave: Pós-marxismo; Sujeito; Ideologia; Inconsciente.

Abstract: This article proposes some reflections on the complex relationship between subject, ideology, and post-Marxism. Situated within the field of French-affiliated Discourse Analysis and aiming to understand how the subject functions within discursive processes, the text explores how historical-dialectical materialism explains resistance within modes of production and how ideologies, from the perspective of Marx and Engels, distort relations of exploitation, resulting in class struggle. Based on this, the discussion reaffirms that meanings are not given *a priori*, and that the incompatibility between the subject of ideology and the subject of psychoanalysis still constitutes an obstacle in characterizing the discursive subject that dares to resist in/through language.

Keywords: Post-Marxism; Subject; Ideology; Unconscious.

*Não há dominação sem resistência:
[...] é preciso “ousar se revoltar”*
Michel Pêcheux

Considerações iniciais

Ao darmos início às reflexões sobre o sujeito e o pós-marxismo, é de suma importância que num primeiro momento deixemos claro de que lugar estamos falando, bem como, de onde emergem as inquietações que mobilizam a construção de uma pesquisa sobre um tema tão complexo como este – o sujeito e sua resistência.

Nosso lugar de fala é o lugar de Analistas de Discurso de filiação francesa. Essa delimitação

é importante, já que existem diferentes teorias que trabalham o *discurso* como objeto e o definem conforme os pressupostos teóricos de cada uma. Michel Pêcheux, o precursor da teoria materialista, ao conceituar discurso como “efeito de sentidos’ entre os pontos A e B” (1969/1997, p. 82), destaca o trabalho simultâneo de três áreas do conhecimento. Ou seja, para o autor, os processos discursivos resultam da articulação não hierárquica entre a Linguística, a Psicanálise e o Materialismo histórico, os quais trabalham respectivamente com a língua, o inconsciente e a ideologia. Trata-se, pois, de três campos de saber autônomos que se imbricam para produzir os sentidos nos processos discursivos. Embora saibamos que a natureza do discurso é por si só contraditória, faz-se necessário compreender como se dá o funcionamento da categoria de sujeito, sobretudo se pensarmos um sujeito da resistência. Mas isso não é uma tarefa muito fácil, já que Marx, em suas reflexões, ignora o sujeito; Althusser em sua primeira fase¹, propõe um sujeito totalmente assujeitado ao retomar Marx; enquanto Lacan defende o inconsciente como lugar do discurso do Outro e o sujeito como um lugar do significante. Diante disso, surge nossa pergunta: é possível conceituar o sujeito na perspectiva teórica que adotamos? Onde estaria o ponto em que o sujeito “ousa rebelar-se”, como sugere Pêcheux (2009), no anexo III de Semântica e Discurso? Frente a essas questões, passemos às reflexões, começando pelos processos que levaram à definição de materialismo histórico-dialético, seguindo para a concepção de sujeito na psicanálise para, enfim, pensarmos o lugar do sujeito na Análise de Discurso Pêcheuxtiana.

Os princípios de uma teoria materialista

Dadas as considerações iniciais, é importante aqui registrar que, neste estudo, optamos em começar nossas reflexões pelo materialismo histórico-dialético. Desse modo, convém observar que estamos entendendo-o a partir da releitura de Althusser sobre Marx. Assim, partindo do princípio de que materialismo histórico é a ciência dos modos de produção (ciência da história) em que a formação social depende de um modo de produção determinado e materialismo dialético é a relação interna entre a teoria e o método como processo de transformação, ou seja, é a “filosofia que trata o conhecimento como processo histórico da produção dos conhecimentos” (Althusser, 1967, p.19), chegamos à compreensão de materialismo histórico-dialético como modo de reprodução/transformação. É importante frisar que o materialismo dialético surgiu da necessidade de

...uma nova filosofia capaz de pensar a inserção histórica da filosofia na história, sua relação real com as práticas científicas e sociais (políticas, econômicas, ideológicas), **sem deixar de dar conta da relação de conhecimento** que mantém como seu objeto (Althusser, 1967, p.19).

Nota-se que esse caráter dialético do materialismo é o que nos possibilita pensar a resistência, a revolta e a revolução nos processos/modos de produção. Nesse sentido, Mariane e Almeida ao retomar

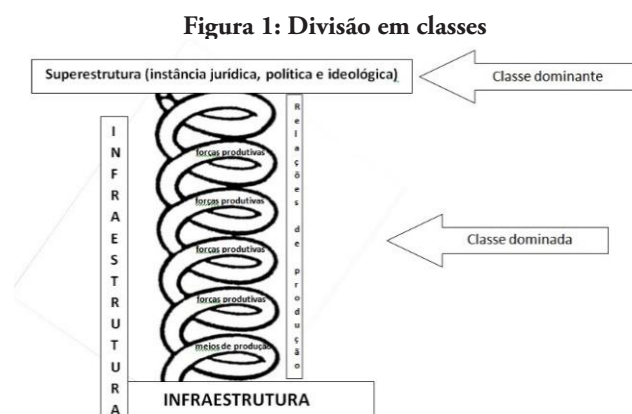
I Nos referimos a um primeiro momento porque em 1974, em “Elementos de Autocrítica”, Althusser reflete sobre seus trabalhos anteriores, principalmente sobre a falta de espaço para a resistência considerando o sujeito. É nessa revisão que o autor admite o caráter estruturalista e determinista de suas reflexões iniciais, as quais ignoravam a capacidade dos indivíduos de resistirem às interpelações ideológicas dos Aparelhos Ideológicos de Estado (AIEs).

Pêcheux (sob o pseudônimo de Herbert) afirmam que o autor “distingue as resistências ao trabalho científico pela instância de dominação correspondente nas relações sociais, em que a ideologia se faz passar como ciência e em que a resistência estrutura a sociedade” (2017, p.173). Isso se dá a partir da divisão materialismo histórico (constituído pelos modos de produção) – materialismo dialético (história da produção do conhecimento – ideologia), ou seja, foi essa divisão que levou Pêcheux/Herbert a refletir sobre a diferença entre forças produtivas e relações de produção. Ainda segundo as autoras,

Essa dupla forma de resistência ideológica traduz-se nas causas e consequências nela implicadas, levando o autor à constatação da diferença entre forças produtivas e relações de produção. Para Herbert, as forças produtivas remetem à forma empirista da ideologia, pelo ajuste entre uma significação e a realidade, enquanto que as relações sociais de produção remetem à forma especulativo-fraseológica, pela lei de ajuste dos sujeitos entre si. (Mariani e Almeida, 2017, p. 175-176).

Dito de outro modo, pelas forças produtivas o sujeito é submetido à ideologia da classe dominante e, pelas relações de produção, os sujeitos reconhecem-se entre si no processo e “aceitam” inconscientemente a determinação de lugares im(posta), por meio da distribuição em classes sociais.

Em vista disso, para que possamos dar continuidade ao nosso estudo, é emergente pensar, sobretudo, acerca do conceito de ideologia. Como sabemos, são muitas as discussões e, conseqüentemente, as concepções de ideologia que circulam. Marx e Engels iniciam suas reflexões com base na crítica à filosofia idealista. Para os pensadores, a filosofia era uma ideologia, não uma filosofia, daí a crítica ao idealismo. Marx, segundo Althusser (1996) compreende ideologia como um conjunto de ideias que é construído em um processo material em que os sujeitos ou pertencem à infraestrutura (formada pelas forças produtivas e relações de produção) ou pertencem à superestrutura (instâncias jurídicas, políticas e ideológicas), conforme ilustra a imagem a seguir:



Fonte: autora da pesquisa.

A partir disso, o que a princípio, Marx e Engels defendiam, de que as ideias eram capazes de explicar o mundo e não o contrário passa a dar lugar a seguinte delimitação “as ideias (ideologias) distorcem e ocultam as relações reais de exploração por pertencerem a uma classe dominante” (Motta,

2014, p. 66). Nesse sentido, ideologia e atividade material se entrelaçam produzindo lugares determinados no processo de produção.

É, pois, da determinação desses lugares que surge, segundo Marx e Engels, a luta de classes: opressores X oprimidos, mantida pela ideologia. Essa, por sua vez, sobrevive de modo oculto/velado na superestrutura. Convém lembrar ainda, que de acordo com o modelo/sistema apresentado pelos pensadores, a família, o Estado e as instituições que o representam, como a escola e a Igreja, por meio de suas práticas promovem a reprodução de sua submissão à ideologia dominante. Althusser, ao refletir sobre ideologia em Marx e Engels, nos diz que os pensadores defendem a ideia de que os homens criam uma representação alienada/imaginária de suas próprias condições de existência porque elas (as condições de existência) são por si só alienantes. Nesse sentido, para Marx, ideologia seria o conjunto de ideias dominantes de uma classe política e economicamente dominante. Nas palavras de Althusser,

Para Marx, portanto, a ideologia é uma montagem imaginária, um puro sonho vazio e fútil, constituído pelos “resíduos diurnos” da única realidade plena e positiva: a da história concreta de indivíduos concretos, materiais, produzindo materialmente sua existência (Althusser, 1996, p. 124-125).

É, pois, a partir disso, que Althusser, ao desenvolver uma de suas teses questionará o caráter imaginário dessa relação e apresentará sua segunda tese, aquela que melhor explica a existência material da ideologia. Nos termos do autor,

...as forças produtivas são postas em ação no processo de trabalho sob a *dominação* de relações de produção, que são relações de *exploração*. Se existem operários, é que são assalariados, que só possuem sua força de trabalho e são coagidos [...] a vendê-la, é que há capitalista, que possuem os meios de produção e compram a força de trabalho para explorá-la, para dela extrair a mais-valia. A existência das classes está portanto inscrita na produção mesma, *no próprio coração da produção*: nas relações de produção (Althusser, 1980, p. 135).

Em outros termos, “A ideologia é, então, a expressão da relação dos homens com o seu ‘mundo’, isto é, a unidade (sobre determinada) da sua relação real e da sua relação imaginária com as suas condições de existência real” (Motta, 2014, p. 79). Assim sendo, a ideologia se dá por meio de práticas regidas por rituais implicando na necessidade de sujeitos que as desempenhem. Mas como explicar o “surgimento” desses rituais? Pensando nisso, Althusser propõe como possível resposta, o “materialismo do encontro”. Para melhor entendermos em que consiste o materialismo do encontro é necessário compreender o que nos diz Epicuro (*cf.* Althusser). Para o filósofo, o sentido não nasce na causa ou na razão, mas no desvio. Esse desvio seria o lugar do encontro. Vale ressaltar que a estabilidade de um sentido/saber vem da consumação e reconhecimento de fatos dados pela fixação – “pega” – de um encontro entre processos sem sujeito. Entretanto, vale o registro: nem todo encontro tem “pega”!

Melhor dizendo, a consumação de um fato resulta de um encontro que é da ordem do contingente, daí a denominação de desvio. Segundo o autor, “qualquer coisa não pode produzir qualquer coisa, mas

só os elementos destinados, graças à sua afinidade, a encontrar-se e a “pegar” uns sobre os outros” (1982, p. 27-28) é que pode constituir uma forma, uma estrutura. Althusser afirma ainda, que:

...o materialismo do encontro não é o de um sujeito (seja Deus ou o proletariado), mas o de um processo sem sujeito, que impõe aos sujeitos (indivíduos ou outros) aos quais domina a ordem de seu desenvolvimento sem fim definido (1982, p. 26).

Para melhor exemplificar esse funcionamento temos um exemplo em Marx^{II}: o encontro do homem com o dinheiro, encontro esse que fez surgir o Modo de Produção Capitalista, ou seja, o encontro (homem-dinheiro) “pegou”, tornou-se fato consumado, “o fato consumado desse encontro provoca relações estáveis e uma necessidade cujo estudo fornece “leis”, tendenciais, evidentemente: as leis do desenvolvimento do modo de produção capitalista” (Althusser, 1982, p. 32), tal qual temos ainda hoje.

Em vista disso, as posições hierárquicas dentro de um sistema podem ser entendidas como um efeito do materialismo do encontro. Isso implica dizer que os sentidos não são *da* história, mas *construídos na* história. Segundo Althusser,

...se não há Sentido da história (um Fim que a transcenda, de suas origens até seu término), pode haver sentido na história, porque este sentido nasce de um encontro efetivo e efetivamente feliz ou catastrófico, que é, também, sentido (1982, p. 30).

E, assim, Althusser chega a seguinte proposição “não existe ideologia exceto pelo sujeito e para sujeitos” (1996, p. 131). Em outras palavras, “toda ideologia invoca ou interpela os indivíduos como sujeitos concretos, pelo funcionamento da categoria de sujeito” (1996, p. 133). Partindo dessa premissa, o efeito de evidência está presente tanto no sentido (ideológico) quanto no sujeito, uma vez que ambos se constituem mutuamente.

Ainda sobre o processo de interpelação ideológica, Althusser afirma que a ideologia garante seu funcionamento devido a seu caráter especular^{III}. Nas palavras do autor,

... a estrutura de qualquer ideologia, ao interpelar os indivíduos como sujeitos em nome de um Sujeito Único e Absoluto, é especular, ou seja, é uma estrutura em espelho, e duplamente especular: essa duplicação em espelho é constituída da ideologia e garante seu funcionamento (Althusser, 1996, p. 137).

Para Althusser, o processo de assujeitamento acontece porque o sujeito (livre) aceita sua sujeição, reproduzindo a ideologia sob a forma de práticas. Motta, ao refletir sobre o sujeito e o processo de

II É importante registrar que Marx não pensou no caráter aleatório do “encontro”, nem na “pega”, o filósofo pensa a ideologia a partir de um fato reconhecido, já consumado. Para Marx, a burguesia surge da ruína da classe dominante feudal, como necessidade de subsistência, pois enquanto no modo de produção feudal o que importava era a dependência entre senhores feudal e vassala, no modo de produção capitalista o que importa é a manutenção da estrutura de exploração patrão-empregado, o que não deixa de ser uma relação de dependência.

III O termo especular faz referência ao que Lacan chamou de *estádio do espelho*, em outras palavras, trata do movimento através do qual o sujeito assume uma imagem que o domina como se fosse um “fantasma”.

assujeitamento em Althusser, afirma que:

O sujeito, na perspectiva althusseriana, é tanto o sujeito da ação como também, ao mesmo tempo, o sujeito *sujeitado* a outro Sujeito (com *s* maiúsculo), que vem a ser uma ideologia, i.e., as crenças políticas, culturais, religiosas, esportivas etc., que todos os sujeitos individuais possuem. Não há para Althusser *indivíduo*, noção ideológica constituída pela modernidade capitalista, mas sim *sujeitos*. [...] o sujeito se reconhece num discurso, mas desconhece esses mecanismos interpelatórios dos quais reproduz (ou transforma) as relações de poder da sociedade (Motta, 2014, p. 81).

Pêcheux, ao retomar os conceitos desenvolvidos por Marx e Althusser, afirmará que no processo – que por si só já é contraditório: o de reprodução/transformação – a ideologia não é o único elemento das relações de produção de uma classe, visto que as determinações econômicas também exercem influência nas atividades sociais e ideológicas. De acordo com Motta,

Althusser define que cada formação social possui um conjunto de estruturas que possuem diferentes níveis (ou instâncias), com pesos e temporalidades desiguais. As formações sociais expressam esse todo-complexo no qual sua unidade se dá por uma estrutura dominante, e tem como princípio uma determinação em última instância da estrutura econômica (2014, p. 52).

Outra questão apontada por Pêcheux diz respeito à relação classe – ideologia. Segundo o autor, não é possível a correspondência: uma ideologia para cada classe social, porque assim como o sujeito é dividido e contraditório, a ideologia é heterogênea. Com base nisso, o autor afirma que a instância ideológica existe sob o modo de formações ideológicas e envolvem posições de classe, o que significa dizer que o indivíduo torna-se sujeito pelo processo de identificação com uma formação ideológica.

Pêcheux destaca ainda que o processo de identificação do sujeito com uma dada formação ideológica se dá via inconsciente. Para o autor, o traço comum entre ideologia e inconsciente é “o fato de elas operarem ocultando sua própria existência, produzindo uma rede de verdades ‘subjetivas’ evidentes” (1996, p. 148).

É, pois, esse caráter de evidência do sujeito e do sentido que irrompe no discurso sob a forma de ditos e não-ditos, ou seja, aquilo que “pode/deve ser dito” numa dada formação social revela a ideologia através do discurso. Daí a afirmação de que o discurso é a materialidade da ideologia.

Um ponto importante a ser considerado nesta reflexão é que, se por um lado Althusser e Lacan concordam quando afirmam que ideologia e inconsciente são eternos, por outro lado discordam no que se refere à constituição do sujeito. Para Althusser, o sujeito parece reduzido a um “eu”, ou seja, é sempre já sujeito pelo processo de interpelação/assujeitamento ideológico. Lacan, por outro lado, se opõe a esse determinismo, pois para ele, o sujeito do inconsciente (constituído pelo real, pelo simbólico e pelo imaginário) é diferente da ordem simbólica e imaginária que rege o “eu”. Essa diferença é o que possibilita a ruptura/resistência, já que o espectro do real (constitutivo do sujeito lacaniano) ao irromper

sob a forma de lapso e/ou ato falho através da linguagem (simbólico) rompe com o estabilizado e instaura uma nova ordem, mesmo que momentaneamente.

A Língua e a ideologia

Ao pensarmos sobre a língua, uma questão problematizada por Volochínov em *Marxismo e a Filosofia da Linguagem*, a saber, diz respeito ao modo como a infraestrutura determina a ideologia, ou “como a realidade (a infraestrutura) determina o signo, como o signo reflete e refrata a realidade em transformação” (Volochínov, 2014, p. 42). Embora lhe pareça justa a “causalidade^{IV}” como resposta possível, essa resposta soa-lhe ambígua, uma vez que contradiz os princípios do materialismo dialético. O autor justifica sua inquietação frente ao problema (por ora sem solução), ao compreender que,

A realidade ideológica é uma superestrutura situada imediatamente acima da base econômica. A consciência individual não é o arquiteto dessa superestrutura ideológica, mas apenas um inquilino do edifício social dos signos ideológicos (Volochínov, 2014, p. 36).

Podemos observar que o problema posto está na perspectiva adotada. Nela, o sentido é entendido como um elemento constituinte do signo, assim como a ideologia é tomada como elemento “preso” ao signo. Sob esse prisma, a possibilidade de termos sentidos outros a partir de um dado enunciado torna-se restrita. Uma concepção de língua que se reduz a um signo ideológico e a um nível fraseológico nega a exterioridade como elemento-parte do processo de produção dos sentidos. Por essa razão adotamos a concepção de que os sentidos não são dados, mas se constituem no momento da enunciação.

Nossa postura assume a língua como base material onde os sentidos são construídos simultaneamente com os sujeitos envolvidos no processo enunciativo. Segundo Pêcheux,

...a base linguística caracteriza, nessa perspectiva, o funcionamento da língua em relação a ela mesma, como realidade relativamente autônoma; e é preciso, desde então, reservar o termo de processo discursivo (processo de produção do discurso) para se referir ao funcionamento da base linguística em relação às representações [...] colocadas em jogo nas relações sociais. Isso permite compreender por que formações ideológicas bastante diversas podem se constituir sobre uma única base (2015a, p. 74).

Em outros termos podemos dizer que é por meio da língua que saberes pertencentes a uma ou outra formação ideológica são postos em circulação, ora promovendo a fixação de tais saberes (por meio da repetição/reiteração, por exemplo), ora provocando resistências e dizeres outros (identificados com formações ideológicas divergentes).

É de suma importância destacar que a possibilidade de se pensar a língua em relação ao seu exterior inicia-se, nos estudos da linguagem, com as reflexões de Jakobson e Benveniste, mais precisamente, quando

IV Uma relação de “causalidade” implica em uma transformação ideológica no contexto da ideologia correspondente. O que torna essa relação pouco provável é o fato de que uma ideologia ao apresentar-se como um conjunto único e indivisível logicamente impossibilita qualquer processo de transformação que venha a afetar sua essência.

este último propõe uma função para o sujeito na enunciação. É nesse momento que a subjetividade na linguagem passa a ser pensada. Daí a importância de retomarmos como é que estamos entendendo *enunciação* e *enunciado*, uma vez que, alguns autores admitem esses dois termos como sinônimos. Ao referirmo-nos a enunciado, estamos entendendo-o segundo a acepção de Benveniste, como produto do processo enunciativo, ou ainda, como objeto da teoria da enunciação. Para o autor, enunciação é o ato que põe a língua em funcionamento. Nas palavras do autor, “a enunciação supõe a conversão individual da língua em discurso” (Benveniste, 1989, p. 83).

A possibilidade de algo externo ao puramente linguístico (o sujeito) fazer parte do processo de produção dos sentidos não só abriu caminho para se pensar o extralinguístico, sob o ponto de vista da subjetividade da linguagem, como também abriu caminho para se pensar as posições assumidas por esse sujeito enunciador. Enquanto sujeitos, fazemos parte de uma formação social, e uma formação social comporta uma ou mais formações ideológicas^V, isso implica dizer que, enquanto sujeitos, identificados com uma ou outra formação ideológica produzimos dizeres por ela determinados. Nos termos de Pêcheux:

...a partir de uma dada posição numa dada conjuntura: o ponto essencial aqui é que *não se trata somente da natureza das palavras empregadas, mas também e sobretudo das construções nas quais essas palavras se combinam*, na medida em que essas construções determinam a significação que as palavras terão. [...] as palavras mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam (2015a, p. 73).

Dando continuidade às reflexões sobre a exterioridade no processo de constituição do sentido, apresentamos para essa discussão uma reflexão de Volochínov. O autor afirma que “*A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial*” (2014, p. 99). De fato, concordamos, nenhuma palavra é neutra, mas também é preciso acrescentar: os sentidos não estão nas palavras, apenas. Os sentidos, como já fora dito anteriormente, são construídos na enunciação, por sujeitos que ali se constituem, uma vez que se identificam com uma dada formação ideológica. A essa trama de sentidos presente na materialidade, Orlandi chama historicidade. Para a autora a historicidade “não é nem direta, nem automática, nem de causa e efeito, e nem se dá termo-a-termo” (1995, p. 113), mas uma função dada a “necessidade do sentido no universo simbólico”, ou seja, a historicidade enquanto função é aquela que coloca em jogo a história do sujeito e do sentido, pois não há sentido sem história (a história provê a linguagem de sentidos). A partir disso, somos autorizados a dizer que os sentidos nunca são os mesmos, a cada dizer há um novo processo de significação sendo construído. Como afirma Pêcheux: o discurso é estrutura e acontecimento.

O discurso é *estrutura* porque é composto pela teoria dos mecanismos sintáticos e pela teoria dos processos de enunciação; é *acontecimento* porque é composto pela teoria das formações sociais e suas transformações, incluindo nela, a teoria das ideologias; até aqui duas regiões do saber. Sabendo, pois, que o “quadro epistemológico” da Análise de Discurso compreende três disciplinas: materialismo

V De acordo com Pêcheux (2015a) uma formação ideológica constitui-se de um complexo conjunto de “atitudes e representações que não são nem “individuais” nem “universais”, mas que se referem mais ou menos diretamente a “posições de classe” em conflito umas com as outras” (p. 73).

histórico, linguística e psicanálise; convém lembrar que é nesta última que Michel Pêcheux aposta como elo responsável pela articulação das três regiões que formam o discurso. O ponto de partida para essa reflexão é a recusa conjunta de Althusser e Pêcheux a um sujeito psicológico. Nos termos do autor, “a AD não pode satisfazer-se com a concepção do sujeito epistêmico, ‘mestre de sua morada’ e estrategista nos seus atos (salvo, nas coerções biossociológicas); ela supõe a divisão do sujeito como marca de sua inscrição no campo simbólico” (Pêcheux, 2015b, p. 103).

Assim, a recusa de um sujeito psicológico, somada a concepção de discurso (relação construída por posições assumidas em uma formação social) é o que configura a intersecção entre os pensamentos de Lacan e Pêcheux.

Do sujeito do inconsciente ao sujeito discursivo

Vale aqui registrar que quando Lacan fala em linguagem está se referindo à língua concreta/falada, aquela que é constantemente posta em funcionamento e faz ouvir o inconsciente. Na compreensão de Lacan, no inconsciente há uma escritura e, essa escritura é o real (aquilo que não pode ser simbolizado), daí sua célebre afirmação de que: “o inconsciente é estruturado como uma linguagem”. Nessa perspectiva, a linguagem, enquanto elemento simbólico é o único capaz de fazer emergir algo que faz parte do real, sem desvelá-lo por completo, pois o real como um todo é da ordem do inatingível.

Daí a importância dos estudos da linguagem em psicanálise. Assim, Lacan parte do conceito inicial de Saussure sobre o significante para definir o significante em psicanálise. Para o psicanalista, o significante “representa um sujeito para outro significante” (Jorge, 2005, p. 81), em outros termos, o sujeito do inconsciente se inscreve no significante. Nesse sentido, o Outro como lugar do significante é materializado no simbólico e torna-se conhecido por meio da linguagem. Sendo, pois, o significante o lugar do Outro, podemos apontar o duplo funcionamento da incompletude: a incompletude do sujeito que é intervalar, o vazio e a incompletude do dizer que uma vez materializado pelo simbólico não é capaz de dar conta do todo, pois algo sempre lhe escapa. Para Davoine e Gaudillière, a impossibilidade de dizer tudo aquilo que se encontra nas formações do inconsciente “atestam o trabalho do recalque, e os efeitos do sujeito que advêm em um batimento, uma vacilação da cadeia de enunciação – retorno do recalçado – testemunham o que, como corte, instala a estrutura mesma de um sujeito como dividido” (2016, p. 259).

Žižek ao tentar definir o sujeito lacaniano acrescentará que “o sujeito “é” a própria lacuna preenchida pelo movimento de subjetivação” (2016, p.178). Em outras palavras, isso significa dizer que o caráter intervalar, lacunar e vazio é próprio do sujeito lacaniano e, o processo de subjetivação, enquanto processo circular que busca tamponar esse vazio, essa falha, produz novas lacunas, novas fendas. Nos termos do autor,

...o sujeito é, ao mesmo tempo, a lacuna ontológica [...] e o gesto de subjetivação que, por meio de um curto-circuito entre o Universal e o Particular, cicatriza a ferida dessa lacuna [...]. “Subjetividade” é um nome para essa circularidade irreduzível, para o poder que não luta contra uma força externa de resistência [...], mas sim contra um obstáculo que é absolutamente

inerente, que, em última instância, “é” o próprio sujeito. Em outras palavras, o próprio esforço do sujeito para preencher a lacuna sustenta e gera, retroativamente, essa lacuna (Žižek, 2016, p.178-179).

Daly complementa a definição de Žižek dizendo que “o sujeito existe, antes, como dimensão eterna de resistência-excesso em relação a todas as formas de subjetivação” (2006, p. 11), dito de outro modo, em todas as formas de subjetivação, o sujeito é simultaneamente a falta e o excesso.

Ainda sobre a constituição do sujeito para a psicanálise, Žižek (2005) explica que, para Lacan, “a causa daquilo que falha” é o trauma que habita o real, mas que não tem nele sua origem. Para o autor algo vivido pelo sujeito em algum momento passado pode ao constituir-se como trauma/causa, passar a habitar o real como algo que ali fica recalcado, decorre daí a afirmação do autor de que “el trauma no tiene existencia propia previa a lasimbolización” (p. 53), logo, trata-se de um processo cíclico e ao mesmo tempo um paradoxo, dado o caráter recíproco de causa-efeito-causa. Em outros termos,

La “reciprocidad” designa el mismo círculo vicioso de la causa real y sus efectos significantes a partir del cual emerge el sujeto, es decir, ese círculo en el que la red simbólica de efectos plantea retrospectivamente su causa traumática. Llegamos así a la más concisa definición de sujeto: el sujeto es efecto que pone completamente su propia causa (Žižek, 2005, p. 63).

Partindo da ideia de que o sujeito da psicanálise é efeito de sua própria causa e que a causa, assim como o trauma não tem existência prévia à simbolização, temos conforme Lacan mesmo afirmou, um sujeito que se constitui a partir do Outro. Dada a compreensão de ordem simbólica como linguagem, podemos dizer que é por meio da imagem do espelho que a ideologia encontra espaço para constituir-se como Outro (imagem idealizada). De acordo com Fink, “é a ordem simbólica que realiza a internalização das imagens especulares e de outras imagens” (1998, p. 57).

Assim, entendemos que a interpelação ideológica se dá via linguagem do Outro, processo conhecido na psicanálise e apontado por Fink (1998), como *alienação*, entretanto, sabendo que o sujeito lacaniano é dividido entre *alienação* (como processo de sujeição ao Outro) e *separação* (como desejo do outro), a possibilidade de o processo de interpelação falhar existe. A falha no processo de alienação revela a resistência do sujeito do desejo. Fink, ao descrever o sujeito da psicanálise afirma que:

Esse sujeito não tem outra existência além de um furo no discurso. O sujeito do inconsciente manifesta-se no cotidiano como uma irrupção transitória de algo estranho ou extrínseco. Em termos temporais, o sujeito aparece apenas como uma pulsação, um impulso ou interrupção ocasional que imediatamente se desvanece ou se apaga, “expressando-se”, desta maneira, por meio do significante (1998, p. 63).

Ao refletirmos sobre “a irrupção transitória de algo estranho e extrínseco” somos levados a pensar sobre os vacilos que se configuram sobre as formas de lapso e de ato falho. De acordo com Žižek, “o lapso ou o ato falho já fornecem uma prova suficiente de que esse Outro Hermenêutico, o Outro igual

ao universo das regras que predeterminam o campo de significação; não pode dar conta” (2003, p. 104) do todo, ou seja, ao contrário do que se pensa, o lapso e o ato falho são manifestações bem-sucedidas de uma outra regra, uma regra desconhecida que resiste. Žižek explica ainda que esse vacilo nada mais é do que “la ‘respuesta de lo Real’: un pequeño fragmento de lo Real da cuerpo a la resistencia psíquica del sujeto a su acto” (2016, p. 77). O autor complementa ainda que, o vacilo como “contenido inconsciente no es algo que la resistencia encubra y oculte, no es que simplemente preexista a la resistencia, sino que es algo inmanente a la resistencia, algo que puede ser desvelado por el análisis inmanente de la resistencia” (Žižek, 2016, p. 82).

Nesse ponto, é preciso lembrar que para Lacan, segundo Fink, “o inconsciente como cadeia não é a mesma coisa que o sujeito do inconsciente” (1998, p. 62), o inconsciente subsiste ao longo da vida, é permanente e o sujeito do inconsciente não é constante, nem permanente, pois, uma vez fundado pelo significante, irrompe sob a forma de furo (intervalo entre dois significantes), daí a importância da linguagem como mecanismo que faz vir à tona saberes que constituem a *outra* regra. De acordo com Leandro-Ferreira:

...o sujeito, ao ser constituído pela linguagem, encontra nela sua morada e disso decorre uma marca de sujeito enquanto *efeito de linguagem*. Por outro lado, ao sofrer a determinação da ideologia, por via da interpelação, o sujeito se configura como *assujeitado*. E por ser também um sujeito do inconsciente, descontínuo por excelência e que se ordena por irrupções pontuais, esse sujeito se mostra como *desejante* (2010, p. 8).

Em outros termos, a autora, ao afirmar que o sujeito é constitutivamente afetado pelo efeito linguagem, pelo assujeitamento e pelo caráter desejante, reforça que o sujeito é constituído por uma inscrição ideológica marcada no desejo, o qual opera em um deslizamento que sempre remete a uma falta, e isso vem a confirmar a definição de sujeito como efeito, como bem apontou Fink (1998).

Referências

ALTHUSSER, Louis. Problemas colocados pela existência de duas disciplinas. *In*: ALTHUSSER, Louis. **Marxismo segundo Althusser**. Sinal Editora e Distribuidora. Coleção Sinal 2, 1967.

ALTHUSSER, Louis. **A corrente subterrânea do materialismo do encontro** (1982). Disponível em <<https://www.marxists.org/portugues/althusser/1982/mes/corrente.pdf>> Acesso em: 05/11/2017.

ALTHUSSER, Louis. Marxismo e Luta de Classes. *In*: ALTHUSSER, L. **Posições II**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1980.

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos Ideológicos de Estado**: nota sobre os aparelhos ideológicos de Estado (AIE). Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

ALTHUSSER, Louis. Ideologia e Aparelho Ideológicos de Estado (notas para uma investigação). *In*: ŽIŽEK, Slavoj (org). **Um mapa da Ideologia**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

DAVOINE, Françoise & GAUDILLIÉRE, Jean Max. O neutro do sujeito. *In*: CONEIN, Bernard et. al. (Orgs.). **Materialidades Discursivas**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2016, pp. 257-268.

JORGE, Marco Antonio Coutinho. II Inconsciente e Linguagem: o simbólico. *In*: JORGE, Marco Antonio Coutinho. **Fundamentos da Psicanálise de Freud a Lacan**, vol. 1: as bases conceituais. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2005, pp. 65-101.

FINK, Bruce. **O sujeito lacaniano**: entre a linguagem e o gozo. [trad.] Maria de Lourdes Duarte Sette. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina. Análise do discurso e suas interfaces – o lugar do sujeito na trama do discurso. **Organon** – Revista do Instituto de Letras da UFRGS. v. 24, n. 48, 2010. Disponível em <https://seer.ufrgs.br/organon/article/view/28636/17316> Acesso em: 01/06/2019.

MARIANI, Bethania S. C. & ALMEIDA, Eliana. **Entre Pêcheux, Althusser e Lacan**: uma carta sempre chega ao destino? *In*: ABRAHÃO E SOUSA, Lucília & GARCIA, Dantielli A. (Orgs.) *Ler Althusser hoje*. São Carlos: EdUFSCar, 2017. Pp. 169-188.

MODESTO, Rogério. **“Você matou meu filho” e outros gritos**: um estudo das formas da denúncia. 2018. 1 recurso online (244 p.) Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1632734>. Acesso em: 13 ago. 2024.

MOTTA, Luiz Eduardo. **A favor de Althusser**: revolução e ruptura na Teoria Marxista. Rio de Janeiro: Gramma& FAPERJ, 2014.

ORLANDI, Eni. ORLANDI, Eni. Texto e Discurso. **Organon**, v. 9, n. 23. 1995. <http://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/29365/18055>

PÊCHEUX, Michel. O mecanismo do (de)conhecimento ideológico. *In*: ŽIŽEK, Slavoj (org). **Um mapa da Ideologia**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. 4ª ed. Campinas. SP: Editora Unicamp, 2009.

PÊCHEUX, Michel. Língua, linguagens, discurso. *In*: PIOVEZANI, Carlos e SARGENTINI, Vanice (orgs.). **Legados de Michel Pêcheux** - inéditos em análise do discurso. São Paulo: Contexto, 2015a.

PÊCHEUX, Michel. II Especificidades de uma disciplina de interpretação. *In*: PIOVEZANI, Carlos e SARGENTINI, Vanice (orgs.). **Legados de Michel Pêcheux** - inéditos em análise do discurso. São Paulo: Contexto, 2015b.

VOLÓCHINOV, Valentin (Círculo de Bakhtin). **Marxismo e filosofia da linguagem**. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. São Paulo: Editora 34, 2014.

ŽIŽEK, Slavoj. **O mais sublime dos histéricos**: Hegel com Lacan. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 2003.

ŽIŽEK, Slavoj. **Las metástesis del goce**: seis ensayos sobre la mujer y la causalidad. Buenos Aires: Paidós, 2005.

ŽIŽEK, Slavoj. **Contragolpe absoluto** – para una refundación del materialismo dialéctico. España: Ediciones Akal, S. A., 2016.